

CRIAÇÃO DE DESENHOS E FOTOGRAFIAS POR CRIANÇAS EM CONTEXTOS DE PESQUISA NA CIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NA REGIÃO CENTRAL DE SÃO PAULO

CREATION OF DRAWINGS AND PHOTOGRAPHS BY CHILDREN IN RESEARCH CONTEXTS IN THE CITY: AN EXPERIENCE IN THE CENTRAL REGION OF SÃO PAULO

Lilith Neiman 1

Resumo: Este artigo apresenta o processo de construção metodológica com a utilização do desenho e da fotografia com crianças na pesquisa de mestrado "Caminhar, Fotografar, Desenhar: experiências com crianças na Praça da República (SP)". A pesquisa buscava compreender os usos e apropriações do espaço urbano por crianças na cidade, contribuindo para o campo dos Estudos da Infância e para a inserção das experiências infantis nos debates atuais sobre a produção do espaço das cidades. Contou com a participação de um agrupamento de 28 crianças de 5 anos em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada na região central de São Paulo. Este artigo narra o percurso em campo, os contextos em que foram propostas criações dos desenhos e das fotografias e as reflexões sobre a cidade derivadas dessa experiência. Observa-se que a opção por tal abordagem metodológica possibilitou uma descoberta e apropriação da cidade pelas crianças durante o próprio percurso da pesquisa. **Palavras-chave:** Infância. Pesquisa com Crianças. Fotografia. Desenho. Cidade.

Abstract: This article presents the process of methodological construction using drawing and photography with children in the master's research "Walk, Photograph, Draw: experiences with children in Praça da República (SP)". The research sought to understand the uses and appropriations of urban space by children in the city, contributing to the field of Childhood Studies and the insertion of children's experiences in the current debates on the production of space in cities. It counted with the participation of a group of 28 children aged 5 years in a Municipal School of Early Childhood Education located in the central region of São Paulo. This article narrates the journey in the field, the contexts in which creations of drawings and photographs were proposed and the reflections on the city derived from that experience. It is observed that the option for such a methodological approach enabled the discovery and appropriation of the city by the children during the course of the research.

Keywords: Childhood. Research with Children. Photography. Drawing. City.

Introdução

A pesquisa com crianças, sobretudo com as menores de seis anos, apresenta desafios relativos às escolhas metodológicas constantemente tematizados em reflexões e debates no campo dos Estudos da Infância. O desafio se expande quando o contexto de pesquisa é a cidade, dada a necessidade de interlocução com outras áreas que tradicionalmente se encontram apartadas das análises sobre as infâncias e as vidas das crianças. Pensar sobre a presença de crianças nos espaços urbanos e aproximar-se do que pensam sobre a cidade exige a criação de instrumentos metodológicos de escuta, simultaneamente, das crianças e da cidade. Isso porque pensar sobre as relações entre ambas implica na análise dos processos de produção do espaço urbano, com suas tensões e contradições.

Quais usos as crianças fazem do espaço urbano? Diante dessa pergunta disparadora de minha pesquisa, vou a campo em busca de vestígios da ação infantil na cidade, e me deparo com a necessidade de compreender os mecanismos e processos de produção do espaço que autorizam -ou não- a presença das crianças na cidade. Encontro aporte nas teorias críticas sobre o espaço, a partir das ideias de Henri Lefebvre (2006; 1991) e Michel de Certeau (1994), que o compreendem como engendrado nas relações e práticas sociais. Tais autores, ao conceberem o espaço como social, abordam as tensões entre o espaço planejado pela ordem política e social dominante e o espaço vivido pelos sujeitos em seus cotidianos. Ambos enfatizam as possibilidades de novas construções sociais alicerçadas nos usos e apropriações que marcam as práticas espaciais, ao considerarem as experiências, relações, sonhos, percepções, transgressões existentes na vida cotidiana em sua possibilidade de resistência. Michel de Certeau (1994) irá se interessar pelas “artes de fazer” do homem comum, que burlam e recriam as lógicas dominantes e pré planejadas para o uso do espaço. Já Henri Lefebvre, ao abordar a vida cotidiana, nos lembra que esta carrega também o “irredutível”: o uso e, conseqüentemente, a obra, aquilo que contém o desejo e a criação. Esses conceitos são utilizados para compreender a realidade sensível e criadora presente no cotidiano das cidades.

Tais autores não buscam nas práticas de crianças as ações criadoras de novas experiências espaciais, mas oferecem base teórica para que a façamos. Quais as “artes de fazer” cotidianas de meninas e meninos que apontam para a produção de outra cidade? Quais práticas espaciais infantis podem ser consideradas experiências de apropriação? Provocada por essas questões, propus, junto às crianças, certas “artes de fazer” no Centro de São Paulo: caminhar, fotografar, desenhar, em busca do tempo da criação existente nas por vezes invisíveis brechas no tempo da produção.

Nessa investigação, as ações, gestos, silêncios, desenhos, falas e fotografias de meninas e meninos foram considerados como fonte documental central para as reflexões realizadas. A participação infantil não restringiu-se a instrumento meramente metodológico, “provocada” no anseio de responder às questões da pesquisa ou de apaziguar os conflitos éticos entre pesquisador e pesquisados. A participação das crianças foi meu ponto de partida, por acreditar que elas, tais quais as mulheres e homens em suas artes de fazer cotidianas (CERTEAU, 1994), já estão participando da vida na cidade, embora suspeitemos de sua invisibilidade, anonimato ou ausência de protagonismo.

Utilizo a etnografia urbana como principal referência metodológica, por compreender ser este o campo que oferece aos pesquisadores o aporte teórico necessário para os estudos com a presença de atores sociais antes anônimos. Como aponta José Guilherme Cantor Magnani (2002), aqueles que têm a cidade como campo de pesquisa de perto e de dentro, ao debruçarem-se sobre os trajetos cotidianos das pessoas, encontrarão experiências que divergem da ideia de fragmentação e falta de sentido por vezes afirmadas pela literatura e artes. Amplio arriscando que, ao nos debruçarmos sobre os trajetos das crianças, certamente encontraremos ainda mais divergências com tais estereótipos.

Criar metodologias adequadas à emergência das manifestações infantis em toda sua legitimidade, rompendo com a análise da infância por vias institucionais e adultocêntricas, permite também que estereótipos em relação à vida urbana sejam revistos. Podemos já conhecer os discursos oficiais e do senso comum sobre as possibilidades de usos dos espaços públicos pelas crianças. Mas o exercício da pesquisa etnográfica busca junto a elas o registro

das relações, interações e dinâmicas sociais que vão dando o tom do uso cotidiano desses espaços. Nesse sentido, foi necessário construir um percurso em campo que constituísse uma presença aberta e sensível às observações a partir das relações estabelecidas com as crianças.

Ao longo deste texto apresento os contextos de criação dos desenhos e fotografias, dando destaque às questões que construíram meu percurso metodológico.

Construindo um percurso metodológico

A partir do objetivo de compreender os usos e apropriações do espaço feitos por crianças na cidade de São Paulo, busquei contato com uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) na região central. A escolha por pesquisar em um contexto escolar é um dentre tantos outros recortes possíveis para encontrar as crianças na cidade e pensar sobre suas apropriações do urbano. Sua escolha se dá por considerar as instituições de Educação Infantil como locais destinados, na produção social do espaço, ao encontro e manifestação das culturas infantis em um contexto de uma grande cidade como São Paulo. Opto por uma escola localizada na Praça da República por conhecer o projeto pedagógico que busca sair pelo centro da cidade com as crianças, em visitas aos equipamentos culturais e de lazer da região.

Como processo de aproximação das crianças e da equipe da escola, acordei com a coordenação que acompanharia três caminhadas propostas pelas professoras com as crianças previstas para as semanas seguintes. A intenção ao acompanhá-las era observar as relações estabelecidas nas ruas, com outros transeuntes e com o espaço público, além de compreender a organização dessa proposta por parte da escola. Minha participação nessas caminhadas contou com a autorização da gestão e do grupo de professoras, durante uma reunião feita para que eu apresentasse meu tema de pesquisa e conversássemos um pouco sobre essa participação. Nessa reunião, o grupo mostrou-se interessado pela temática e engajado no trabalho que vinham promovendo, contando do quanto percebiam ressonâncias positivas das saídas com as crianças em conversas com as famílias, por exemplo. Conheci o cronograma de saídas previstas nesse momento e pude constatar que todos os dias das semanas seguintes alguma turma estaria nas ruas do centro acompanhada de suas professoras, revelando o quanto essas situações vinham marcando o projeto pedagógico da unidade.

O objetivo inicial de minha pesquisa era compreender como se davam essas propostas de saídas com as crianças, as relações estabelecidas nas ruas e o que as crianças pensavam delas. Com isso em mente, vou a campo acompanhar a primeira caminhada: um cortejo festivo com destino à biblioteca infantil municipal próxima à escola, onde as crianças fariam algumas apresentações de dança. Para a ocasião, estavam todas fantasiadas de personagens do folclore brasileiro, como Saci, Iara, Lobisomem e Curupira.

Com câmera fotográfica em mãos, registrava o trajeto, buscando atentar-me às situações provocadas diante da presença do grupo de crianças nas ruas. Também fiz registros escritos em diário de campo assim que retornamos à escola. Tal material serviu de subsídio para reflexões apresentadas na dissertação, mas também apontou para a necessidade da criação de situação em campo que me colocasse mais próxima de um grupo menor de crianças. Isso porque, caminhando com cerca de 90 crianças nas ruas, participando dando as mãos para atravessar as ruas, atenta ao que acontecia ao entorno não só como pesquisadora, mas como adulta responsável presente naquele momento, me apropriava de um panorama geral sobre a presença das crianças na cidade, mas não conseguia captar falas mais específicas ou criar vínculos de pesquisa mais profundos com elas.

Diante da necessidade de me aproximar de um grupo menor de crianças para buscar suas impressões sobre a caminhada do dia anterior, fui à escola no dia seguinte com a ideia de propor uma roda de conversa seguida de desenhos em uma das salas. Optei por focar em um agrupamento de crianças composto por cerca de 28 meninas e meninos com recém completos cinco anos de idade. Diante das crianças, contei, como fiz com as professoras e a gestão, sobre meu tema de pesquisa e solicitei autorização. As crianças consentiram minha presença como pesquisadora tal como costumam fazer com aqueles adultos que desejam ter por perto: passaram a me contar incontáveis histórias sobre suas vidas pessoais, seus irmãos, suas casas, suas comidas favoritas. Busquei conduzir a conversa para nossa caminhada do dia anterior,

perguntando se lembravam do caminho que tínhamos feito, se queriam contar alguma coisa para mim sobre isso. As crianças passaram então a contar sobre a lara, Lobisomem, Saci, que eram os temas das fantasias que usaram nas ruas. Com a agitação na roda e a paciência das crianças para a conversa se esvaindo, propus que desenhassem a caminhada, com a esperança de assim me aproximar de suas impressões sobre caminhar em grupo nas ruas da cidade.

Enquanto desenhavam, me aproximei de um grupo de quatro crianças em uma mesa para ouvi-las, considerando a importância para a pesquisa de atentar-se às falas durante o momento de criação do desenho (GOBBI, 2005). Conversavam entre si sobre o rabo da sereia lara e as cores que estavam usando para pintá-lo. Perguntei o que acharam de andar na rua, e somente uma menina entre as quatro crianças respondeu, dizendo que foi “legal”.

Para além da necessidade de mais tempo para criar vínculos com as crianças, essa primeira experiência apontava para o desafio da pesquisa com crianças, sobretudo com as crianças pequenas. Quando planejava minhas estratégias de pesquisa em campo, acreditava que ao propor um desenho sobre as caminhadas, as crianças corresponderiam à minha expectativa de pesquisadora me entregando criações que ilustrassem com clareza “a cidade”. Mas, após termos atravessado a pé o Minhocão, cruzado muitos quarteirões, ocuparmos faixas de importantes ruas do centro, parando o trânsito caótico da região, elas me comunicavam em seus desenhos que marcante mesmo eram as possibilidades de cores do rabo da sereia lara. Marina Rebeca Saraiva lembra que “é importante considerar os momentos em que elas desmancham muitas das nossas ideias sobre a pesquisa” (SARAIVA, 2009, p. 31). No seu caso, ao perguntar para uma menina se ela brincava na rua, ouviu como resposta “por que eu preciso brincar na rua?”. Como lembra William Corsaro,

Os adultos querem iniciar conversas com crianças, mas não se sentem à vontade com as respostas mínimas das crianças e sua tolerância para o que (para os adultos) parecem ser longos silêncios. Muitas vezes, como no exemplo anterior, os adultos começam fazendo perguntas-teste (coisas para as quais já conhecem as respostas, como a cor de uma árvore) para ver o que as crianças estão pensando a respeito do que estão fazendo ou simplesmente para transformar a troca em experiência de aprendizagem (CORSARO, 2005, p. 448).

Adotar uma perspectiva etnográfica contribui justamente para construção de uma interação com sujeitos da pesquisa para além da “coleta de dados” ou da relação “ensino-aprendizagem”. Para isso, é necessário tornar-se um membro do grupo, ainda que a posição de adulto se mantenha. William Corsaro (2005) fala do desafio de, em campo, tornar-se um adulto atípico: aquele que as crianças reconhecem como um adulto, mas que não estabelece com elas uma relação tutelar. Pesquisando em um ambiente escolar, esse desafio ganha importância ainda maior, uma vez que o controle e o excesso de instrução marcam a relação dos adultos com as crianças nesse espaço (CORSARO, 2005). Certamente minha experiência como professora de educação infantil me permitiu de antemão certo reconhecimento do modo como se dão as relações dentro de uma escola, me trazendo uma segurança que inicialmente poderia auxiliar nos momentos iniciais da entrada em campo. Mas justamente essa familiaridade com o papel de professora trazia a necessidade de, diante das crianças, não reproduzir modelos típicos dessa relação.

Diante das crianças na sala olhando para mim e esperando “algo”, compreendi que a estratégia prevista inicialmente, em que eu acompanharia as caminhadas e depois conversaria com elas sobre, estava equivocada. Porém, a coordenadora e a professora haviam “reservado” esse horário para que eu estivesse presente com as crianças, e a organização do tempo escolar trazia ainda mais desafios para encontrar um tempo e espaço de relação que permitisse a perspectiva etnográfica.

Em outro dia, tentei novamente a estratégia da proposição de desenhos em sala, dessa vez com a pergunta “como é o caminho que você faz para a escola?”. Com o direcionamento,

o retorno das crianças à temática da pesquisa foi maior: desenharam caminhos, ruas e casas. Ainda assim, a relação estabelecida era marcada pela característica escolar e deslocada dos meus objetivos. A situação se confundia com uma atividade, não favorecia o diálogo e as crianças apareciam como “informantes”, e não como participantes.

Diante desses desafios, ressalto a importância do diálogo e a parceria estabelecida desde a entrada em campo com a professora responsável pela turma. Corsaro (2005) aponta para a ausência, nos relatos de pesquisa, da descrição sobre a relação entre pesquisador e professoras, sendo que o trabalho em equipe com os demais adultos em interação com as crianças pode constituir parte fundamental do sucesso ou fracasso na inserção como membro do grupo. Em geral, familiares e professores aparecem nos relatos brevemente, como responsáveis pela autorização legal da participação das crianças. Nessa pesquisa, a professora e os demais profissionais da escola são participantes como as crianças. Do mesmo modo que não falo sobre as crianças, mas com elas, a pesquisa se desloca de uma análise sobre as práticas da professora para a construção de uma prática com ela. Conversando com a professora, definimos que o melhor seria sairmos da escola com as crianças para caminhar especificamente pensando nos objetivos da pesquisa, e durante essas caminhadas propor situações de desenho.

Dessa vez, diferente das caminhadas propostas pela escola, não havia destino pré-determinado ou programação: caminhávamos até onde decidíssemos em conjunto com as crianças, parando para desenhar em alguns pontos que as interessassem. Em um segundo momento, também caminhei com as crianças em duplas para que fotografassem o que desejassem registrar da Praça da República. Simultaneamente, passei a frequentar o momento do parque das crianças, quando podia me aproximar delas, conversar, brincar junto e fortalecer nossos vínculos. Logo após nossa primeira caminhada na praça, quando sentamos próximo ao portão da escola para desenhar, as crianças passaram a associar minha presença à possibilidade de “passear”. Assim que me viam, perguntavam se íamos passear e até onde iríamos.

Estando fora dos muros da escola, a possibilidade de desenhar e fotografar apresentou-se como modo de reconhecimento e descoberta, compondo a metodologia da pesquisa com as crianças. A partir das observações em campo, pude constatar que as crianças conheciam e contavam sobre a cidade durante a própria ação criadora no espaço. As fotografias e desenhos criados pelas crianças são, portanto, compreendidos como possibilidades de se conhecer a cidade construída, inventada e vivida por elas, ainda desconhecida e por vezes desconsiderada.

A utilização de fotografias em pesquisas com crianças

Diversos autores vão abordar a utilização da fotografia em ciências humanas ao longo do tempo, sobretudo no campo da Antropologia, analisando as diferentes relações estabelecidas entre texto e imagem. Em uma perspectiva mais tradicional da pesquisa etnográfica, a utilização das imagens fotográficas cumpria uma função “comprovadora”: acompanhavam o texto de modo ilustrativo, não sendo articuladas às análises ali construídas (GODOLPHIM, 1995). Isso significa que, embora importantes para ilustrar e comprovar o que estava sendo analisado, elas não eram parte fundamental da reflexão composta naquelas pesquisas. As imagens de artefatos e vestimentas de outras culturas que por ora apareciam nos cantos das páginas escritas, por exemplo, não compunham a reflexão etnográfica proposta, apenas ilustravam aquilo que o texto esmiuçava criticamente. Sylvia Caiuby Novaes (2009; 2008) relembra que esse interesse pela utilização das imagens como ilustração vinha do modelo evolucionista das ciências naturais, prevalecente no séc. XIX.

Para outra perspectiva de pesquisa em ciências sociais, o papel da fotografia poderia ir além dessa ilustração secundária e desimportante para o cerne da construção dos discursos etnográficos. Principalmente em contextos de pesquisa em que a busca etnográfica vai além dos aspectos visuais e materiais (GODOLPHIM, 1995), seria importante fazer a fotografia “falar”. Importante destacar que isso não corresponde aqui às perspectivas técnicas ou artísticas, quando é comum dizermos que uma fotografia é de tamanha qualidade (técnica, estética, imagética) que “fala por si só”. Fazer a fotografia “falar” na perspectiva proposta pelas ciências sociais só é possível através do exercício de relacioná-la.

Sylvia Cayubi Novaes (2012), ao dizer que “imagens fotográficas são fundamentais na

construção de imagens mentais de qualquer povo” (p. 26), nos lembra da responsabilidade de pesquisadores na seleção e publicação das fotografias de suas pesquisas, que contribuirão para a imagem que se tem daquele povo. Pensando nas crianças, como as imagens que temos criado em contextos de pesquisa tem contribuído para a construção da imagem das infâncias nos diferentes contextos?

Quando as imagens em questão são aquelas criadas por crianças, como produzir sentidos e estabelecer diálogos entre infância e cidade a partir dessas fotografias? O que buscamos, da cidade e das crianças, ao entregarmos câmeras para meninas e meninos participantes de nossas pesquisas? E o que enunciam as fotografias criadas nesses contextos? São essas algumas das perguntas que me acompanharam durante esse percurso e que busquei responder durante a pesquisa.

Paula Martins Vicente (2018), em seu mestrado com as crianças do Jaraguá, bairro periférico da zona noroeste de São Paulo, convida meninas e meninos a pensarem seu bairro por meio de oficinas utilizando diversas linguagens, sendo a fotografia uma delas. Seu objetivo era discutir as possibilidades de participação infantil nas políticas públicas de planejamento urbano, convidando as crianças ao que chama de investigação/exploração nos entornos da escola. Pesquisando em uma região periférica da maior metrópole brasileira, encontra nas fotografias das crianças registros dos problemas provindos da desigualdade do espaço urbano de São Paulo, como lixo e mobiliário urbano danificado. Mas há registros também apontando para o que há de familiar, afetivo e específico das relações estabelecidas naquele bairro, como em uma imagem de doces expostos no caixa de um comércio local:

A familiaridade, o pertencimento e a construção da identidade se dão a partir dos significados e das vivências adquiridas nesses locais e das formas que os meninos e meninas são afetados por eles. É um processo que acontece duplamente: a cidade se mostra em sua infinidade de possibilidades, instigando as crianças às descobertas; enquanto as crianças se colocam disponíveis e abertas para se envolverem, com seus corpos e sentidos, pela cidade (MARTINS, 2018, p. 182).

Fernanda Müller (2007) nos conta que, com o uso da fotografia em seu doutorado, inicialmente buscava os lugares importantes para as crianças com quem pesquisava na cidade de Porto Alegre, elaborando inclusive um guia de orientações de como as fotos deveriam ser tiradas. A pesquisadora analisa o equívoco dessa estratégia, sobretudo pela ilusão de controle sobre as temáticas das fotografias das crianças, que buscavam retratar, mais do que os lugares, as relações estabelecidas nestes. Aponta para a existência de um tensionamento entre expectativas dos adultos em relação às fotografias das crianças e aquilo que de fato essas desejam fotografar:

O poder de ter a máquina e ter sido autorizado por alguém a captar as fotos, deu às crianças uma relativa independência que desafiou o adulto. A mãe das crianças confessou que se irritara com a “teimosia” do menino em querer tirar as fotos repetidas no clube onde realizava atividades físicas e musicais – quatro de um mesmo instrumento. Além disto, ela percebeu que suas sugestões não eram bem-vindas e que, apesar de seus convites para deslocamento ao centro da cidade, as crianças preferiam fotografar aqueles lugares do cotidiano, assim causando uma tensão na relação de criança- filho e adulto-mãe (MULLER, 2007, p. 41).

Há um poder na possibilidade de captar imagens, e as crianças sabem disso. O ato de fotografar, embora apoiado no repertório social, cultural e ideológico construído nas relações

e interações, é um ato de criação individual, justamente por ser resultante de um processo complexo de apreensão do mundo. Mas participar de uma pesquisa onde se é informante a partir de fotografias traz também certas expectativas em torno dos significados dessas imagens. Segundo o relato de Fernanda Müller (2007), podemos supor que a mãe, ao saber que seu filho participava de uma pesquisa convidado a fotografar a cidade, desejava que ele desse às pesquisadoras imagens que considerava importantes nesse tema, reconhecidas socialmente como “uma boa foto de cidade”. Daí talvez os convites da mãe em levá-lo ao centro da cidade. As fotografias estão à serviço das ideologias que formam, por exemplo, nossa visão de cidade, como no caso dos cartões ou de imagens oficiais feitas em determinados períodos históricos (KOSSOY, 2002). As crianças, participantes e em interação com o mundo social e cultural, compartilham também desse imaginário de cidade composto por tais referências. Fernanda Müller (2007) destaca o equívoco em comunicar por meio do guia escrito, para as crianças – e conseqüentemente para suas famílias –, que as fotografias deviam ser tiradas de lugares importantes. O que seria importante ou desimportante?

Em minha pesquisa, a comunicação com as crianças foi a mais direta possível. Quando saímos da escola para fotografar, dizia: “você anda por onde quiser na praça e vai tirando fotos do que quiser, eu vou te acompanhando”. Desse modo, busquei evitar qualquer influência ou cobrança em relação à ação de fotografar. Ressalto aqui que ao longo da pesquisa foi possível observar diferenças no envolvimento das crianças com a linguagem da fotografia. Havia uma espera e expectativa de algumas crianças, que, ao ver colegas saindo com a câmera na mão, ansiavam pela chegada “da sua vez”, me abordando logo quando eu entrava na escola. Algumas outras não mostraram qualquer desejo de explorar a câmera fotográfica nessas situações, tirando fotografias para “cumprir a tarefa”, participando por um desejo da professora de que todas tivessem a possibilidade de viver essa experiência. Nesses casos, essas imagens não foram utilizadas na pesquisa, por compreensão do não desejo de participar interpretado por mim na relação com essas crianças.

Durante as caminhadas com as crianças em duplas ou individualmente, me percebi ansiosa pelas imagens que elas tirariam. Havia um desejo de que elas me revelassem algo não visto, que seus olhares de certo modo me encantassem e me surpreendessem. Para Anete Abramowicz (2011), esse desejo de conhecer o olhar infantil se dá pelo que chama de fratura temporal no qual estão as crianças, um tempo contemporâneo, mas que já anuncia um novo que não acessamos:

A criança é um presente. O presente que ela anuncia é um presente do qual nós adultos não fazemos parte e desconhecemos, pois é um presente em infância, como criança, um tempo que não somos/temos mais. Por isso em nossas pesquisas queremos esse ponto de vista, pois não o temos mais, o presente, em criança. Mas ela é também o presente do qual todos nós fazemos parte, nós vivemos como adulto (onde cada um de nós é atravessado por outros tempos) um mesmo presente que a criança (ABRAMOWICZ, 2011, p. 20).

As fotografias das crianças sobre a cidade que compartilhamos com elas, nesse tempo contemporâneo também compartilhado, poderiam revelar, portanto, esse olhar que já nos é impossível. Por isso a expectativa em relação às suas criações, o desejo de ser surpreendida por aquilo que, bem diante da minha frente, me era estranho até então. Anete Abramowicz (2011) irá lembrar também que a criança não é só presente: nela se inscrevem marcas históricas, sociais, culturais, e ao buscarmos os olhares das crianças, buscamos também os indícios dessas marcas. É o que faz Marcia Gobbi (2018), quando levanta a pergunta se as imagens de muros grafitados, criadas por um menino de cinco anos, durante seu caminho até a escola também seriam feitas por meninas que fizessem o mesmo trajeto. Ou quando retoma uma história do bairro do Bixiga, em São Paulo, a partir dos corrimões de escadarias presentes

nessas fotografias.

Levantar tantas questões a partir das fotografias criadas por crianças só é possível não porque compreendemos a fotografia como amostra da realidade a ser “coletada” nessas imagens, mas porque adotamos uma perspectiva que as compreende como processos de criação de realidades (KOSSOY, 2002). Bóris Kossoy irá dizer que a criação de uma fotografia implica na criação de uma segunda realidade. Possibilitar às crianças que criem suas imagens na cidade, torná-las visíveis e circulantes resulta em exercício político de ampliar o reconhecimento de outras realidades urbanas para além daquelas já reconhecidas e legitimadas. Se Bóris Kossoy (2002) nos lembra que o processo de construção de realidades não se dá só no ato de fotografar, mas no processo de recepção dessas imagens, estar diante de fotografias criadas por crianças nos convoca a estabelecer diálogos e construir outras tantas realidades a partir desses encontros com os olhares de meninas e meninos ainda invisibilizados no espaço urbano.

Indo adiante dessa necessidade de tomar a imagem como enunciado, Etienne Samain (2012) nos provoca a pensar não sobre o que as imagens nos fazem pensar, mas sim nas maneiras, no como as imagens nos fazem pensar. Para ele, “as imagens gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento” (SAMAIN, 2012, p. 21). Isso porque as imagens veiculariam não somente o pensamento de quem a produziu, mas também o pensamento de todos aqueles que se dedicaram a olhar para ela. Sendo um vetor do entrecruzamento dos olhares de tantos espectadores, uma estrutura que conecta os seres vivos, as imagens fundariam uma memória coletiva: “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento” (SAMAIN, 2012, p. 31). Daí a importância de incluir as imagens criadas por crianças nesse sistema de pensamento. Se através delas entrecruzarmos nossos olhares a partir de novos ângulos da paisagem, como diz Kossoy, poderemos fundar sistemas de pensamentos que incluam as realidades criadas nessas imagens também por meninas e meninos. Quantas novidades de mundo passariam a compor nossa memória coletiva caso tivéssemos acesso às fotografias criadas por aqueles cujo pontos de vista da realidade não costumam ser compartilhados?

Tempo e corpo na experiência de fotografar a cidade

Para Milton Guran (2014), a fotografia produzida no âmbito da pesquisa se constitui não como método, mas como instrumento. Como pesquisadora, utilizava a máquina fotográfica para abrir meus sentidos para o campo que havia escolhido, a Praça da República, no exercício de cultivo de outro olhar. Sobre as fotografias produzidas nesse momento inicial de pesquisa, Milton Guran diz:

Este primeiro momento é marcado pela impregnação, no sentido utilizado por Olivier de Sardan (1995, p. 79), quando o pesquisador vivencia pela primeira vez o cotidiano de uma comunidade e começa a “perceber alguma coisa” sem, no entanto, saber exatamente do que se trata. Grande parte das coisas percebidas nesta etapa fica no campo das sensações, não chegando a se transformar em dado, mas contribui para balizar o trabalho de campo (GURAN, 2011, p. 83)

Minha câmera fotográfica logo desperta o interesse das crianças, com quem passo a compartilhá-la, a princípio, durante minhas observações na escola e nas atividades na região central integrantes do cotidiano escolar. A partir desse interesse e buscando potencializar a fotografia como instrumentos de participação infantil, proponho às crianças saírem da escola e caminhar na Praça da República exclusivamente para que fotografem e participem da pesquisa. Nessas caminhadas, feitas em duplas de crianças acompanhadas por mim, a câmera permanece disponível para que criem as fotografias que desejarem, fazendo o trajeto que desejarem.

A partir desse momento em que passo a compartilhar a câmera fotográfica, como com-

preender as imagens criadas pelas crianças no contexto da pesquisa? A experiência no campo dos sentidos e sensações citadas por Milton Guran como próprias desse momento inicial também ocorreria com elas, ao compartilharem comigo do lugar de pesquisadoras da Praça através do instrumento câmera fotográfica?

Observei que ocorria com elas algo semelhante a essa sensação de descoberta provocada em mim pela fotografia. A maioria usava a câmera como uma lupa, mirando para todos os lados em busca de uma surpresa. Muitas, inclusive, nem se preocupavam em apertar o botão que registraria aquela imagem. Observei também que algumas crianças iam obstinadamente em direção a determinados lugares da praça logo quando saíamos da escola, demonstrando já saberem em que locais queriam fotografar. Quando chegávamos a esses destinos, porém, passavam a utilizar a máquina como esse instrumento de descoberta, o que me fez refletir sobre a oportunidade que a situação de pesquisa trazia para as crianças de se demorarem em lugares nos quais passam apressadamente todos os dias, acompanhadas de adultos, a caminho da escola. Isso acontecia principalmente com a fonte do lago e com algumas árvores da praça. As crianças faziam o movimento com as câmeras em direção ao céu, ou se aproximavam dos detalhes bem próximos ao chão. Nesse sentido, ao criarem suas fotografias, tornavam visível o que não costumava, no cotidiano, ser notado.

Se durante a experiência cotidiana os sentidos além da visão estão anestesiados por conta da velocidade imposta à circulação na cidade, a pausa proposta pelo olhar necessário ao ato fotográfico permite o despertar dos demais sentidos do corpo na relação com o espaço (URIARTE, 2013). Durante o momento de criação das fotografias as crianças se sentavam, se penduravam, se agachavam. A presença de corpo inteiro mostra-se característica do modo infantil de uso do espaço. Nayana Brettas Nascimento (2009), ao pesquisar sobre a presença das crianças em espaços públicos de diversas regiões da cidade, mostra em fotografias tiradas durante sua permanência em campo crianças subindo sobre vasos de concreto, arrastando caixas de papelão, usando postes como barras de pendurar-se, ou seja, fazendo uso lúdico do espaço urbano e seus equipamentos a partir do corpo. Para Francesco Careri (2017, p. 123), “não se pode conhecer o espaço a não ser atravessando-o com nosso corpo”.

A possibilidade de criação diante do inesperado, a presença do corpo, o deixar-se guiar por afetos e sentimentos são características presentes no pensamento sobre a experiência de apropriação e na ludicidade própria das culturas infantis (BARBOSA, 2014). Ambas implicam numa relação fundamental entre espaço e tempo, presentes também na experiência proposta com as crianças de fotografar na praça. O uso da máquina fotográfica, ao exigir um olhar lento sobre a cotidiana Praça da República, possibilita a emergência de novos sentidos aguçados, possibilitando também outras percepções sobre esse mesmo espaço. Como dito por Marcia Gobbi (2018, p. 14), “caminhar leva a descobertas e uma câmera na mão pode materializá-las no tempo e no corpo do caminhante, ao mesmo tempo em que, agentes que também são, podem construir a percepção de tempos e espaços”.

As fotografias criadas durante a pesquisa, quando em conjunto, apresentam um panorama sobre a Praça da República carregado de sentidos e de afetos, por ser construído a partir das interações estabelecidas entre espaço e crianças, arrematadas pela experiência da apropriação a partir da criação.

Pensando os contextos de criação de desenhos na cidade

Além da utilização da fotografia, propus, desde os primeiros encontros com as crianças, situações de desenho dentro da escola com o apoio da professora da turma. Esperava que, enquanto desenhavam, as crianças conversassem entre elas ou comigo sobre “a cidade”, de modo a me aproximar de seus olhares e vivências nas ruas. O desenho seria, portanto, fonte documental a partir do qual poderia me aproximar de contextos e relações sociais vividos pelas crianças na cidade.

Os primeiros desenhos das crianças participantes foram feitos em folhas sulfite tamanho A4 e com as canetinhas coloridas da escola, com todas as crianças da turma sentadas nas cadeiras da sala. Esse modo de organização da proposta de desenho não se diferenciava muito das atividades cotidianas feitas pela professora, o que fez com que parte do grupo não de-

monstrasse grande interesse pelo diálogo que estava propondo. Meu objetivo nesse momento era acompanhar as conversas e falas que se desenrolavam para “aprender com a criança sobre seu desenho durante o ato de desenhar” (GOBBI, 2014, p. 157). Buscava, principalmente, conjugar oralidade com ação de desenhar, adotando uma metodologia que possibilita o diálogo entre pesquisadora e crianças sobre suas vivências, impressões e imaginações ali registradas.

Conversar sobre as vivências na cidade a partir do exercício de desenhar exigia uma proximidade das crianças, e eu me via principalmente envolvida na tarefa de gerir todo o grupo tal como uma professora: distribuindo material, lidando com conflitos entre elas ou repetindo qual era o “tema” do desenho para aqueles que esperavam alguma orientação.

Tais situações em que todas as crianças fazem a mesma atividade simultaneamente e as consequências dessa organização do tempo e do espaço nas EMELs são motivo de reflexão e crítica que não estavam contempladas nos objetivos principais de minha pesquisa. Porém, resalto aqui a importância de, enquanto pesquisadoras, ao considerarmos os desenhos como fonte privilegiada para expressão das crianças, refletirmos também sobre os contextos nos quais as crianças têm desenhado atualmente. Seriam eles correspondentes à agência, ao protagonismo e à participação que buscamos garantir em nossas pesquisas?

A escolarização com suas características atuais condiciona as possibilidades de expressão das crianças por meio do desenho e, portanto, a qualidade das fontes documentais da infância. Ao longo de toda pesquisa, busquei oferecer materiais diversos como giz pastel e papéis de diferentes tamanhos, cores e formatos, mas observei as crianças preferindo a utilização da folha sulfite branca tamanho A4 e de canetas hidrocor, sendo esse o material que utilizam diariamente nas atividades escolares. Não havia planejado no tempo de pesquisa momentos para a apresentação dos materiais que estava oferecendo, considerando que as crianças não necessitariam dessa mediação para utilizá-los. Da mesma forma, acreditei que seria possível propor às crianças a continuidade do desenho em uma mesma folha de papel ao longo de todo o processo de investigação na praça. A ideia inicial era que cada uma delas compusesse um mapa construído em processo, desenhado ao longo dos dias conforme íamos caminhando pelos diferentes lugares. Para isso, ofereci cartolinas e apresentei a proposta, mas as crianças ocuparam todo o espaço logo no primeiro momento e, no dia seguinte, quando as distribuí novamente, observei que a maioria virava o papel para o lado ainda não usado, considerando impossível ou indesejável dar continuidade a um desenho já iniciado. A predominância do uso de materiais repetitivos e o desconhecimento de outras possibilidades de elaboração dos desenhos são dados reveladores também do tempo destinado para criação. Considerando que o tempo escolar é marcado pela divisão própria do tempo produtivo, a inexperiência das crianças diante da possibilidade de processos mais longos de criação revela as consequências dessa organização produtiva nas experimentações estéticas e imaginativas.

Buscando outros modos de propor os desenhos para além do formato da atividade escolar, passo a planejar situações em que as crianças pudessem desenhar suas vivências e percepções da cidade estando na própria cidade. Isso é, se antes buscava narrativas das crianças sobre suas experiências já vividas para compor a pesquisa sobre usos e apropriações, agora passo a propor que essas experiências de uso e apropriação se deem durante o próprio percurso investigativo. Desenhar seria, nesses momentos, o próprio objetivo de nossa presença no espaço urbano.

Para promover essa situação, organizo um conjunto diverso de materiais de desenho e interessante para as crianças: pranchetas, um estojo de giz pastel com 50 cores, 4 estojos de canetinhas, canetas hidrográficas de ponta grossa na cor preta, folhas sulfite de tamanho A4 e A3, acomodados em uma grande sacola colorida. Junto ao material, coloco também um grande corte de tecido de chita colorida, que usamos para nos apoiar no chão e, também, marcar nossa presença na cidade.

O primeiro local para desenharmos foi escolhido pelas crianças: o lago. A Praça da República foi inaugurada em 1905, como parte de um projeto da elite cafeeira paulistana que buscava modernizar a cidade aos moldes europeus. A praça com jardim planejado e o lago com fonte havia sido construída para ser o espaço de contemplação e passeio, atividades que destoam hoje do ritmo acelerado e desatento dos transeuntes que circulam pela região.

A ação de fotografar já havia mobilizado outra relação com o tempo no espaço urbano

a partir da evocação que fazia a uma lentidão e vagar do olhar. Na experiência de desenhar com as crianças, pude observar o estabelecimento de uma dinâmica temporal ainda menos acelerada. Marcia Gobbi (2014) problematiza a ausência de lentidão nos adultos necessária para a apreciação dos desenhos infantis. A partir da experiência de observá-las desenhando na praça, amplio sua reflexão para a lentidão necessária também durante a criação desses desenhos, para que de fato sejam resultantes de relações sensíveis e significativas estabelecidas com o mundo. Na escola, pude observar que parte dos desenhos criados na sala eram feitos, literalmente, em segundos por algumas crianças – talvez na pressa de “cumprir com a tarefa dada pelo adulto”. Ao sentarem-se diante do lago, convidadas a olhar para uma paisagem e expostas ao imprevisível, as crianças mostravam a mesma presença e atenção dos momentos em que fotografavam na praça. Ainda que nem todos se engajassem em desenhar, permaneciam olhando o lago e conversando com outras crianças sobre o que viam. As descobertas eram anunciadas em voz alta, interessando todas as outras: “Cadê? Quero ver! Olha!”. Observando os desenhos de diferentes autorias criados nesse momento de mobilização do olhar atento, encontramos modos particulares de desenhar os mesmos elementos da paisagem: o chafariz imponente do lago, as tartarugas, peixes, a cerca que fazia divisão com o caminho de pedestre, as árvores do entorno.

Nosso segundo dia de caminhada para desenhar ocorreu na semana seguinte à ida ao lago. Dessa vez, as crianças escolheram ir até o Edifício Caetano de Campos, localizado em uma das principais extremidades da praça, próximo das principais saídas de metrô da Estação República. Esse trecho se difere do restante da praça por não ser ocupado pelos canteiros com plantas e árvores, formando um grande calçadão de pedestres. O Edifício Caetano de Campos, construído em 1884 para abrigar a primeira Escola Normal de São Paulo, é anterior à construção da Praça da República, mas parte do mesmo projeto inspirado nos modelos europeus apreciados pela elite cafeeira. Hoje tombado, conservado e abrigando a Secretaria Estadual de Educação, foi ameaçado de demolição durante a construção da linha de metrô, no final da década de 1970.

Diante do edifício histórico, seguimos o mesmo ritual: estendendo o pano de chita, distribuindo o material e começando a desenhar. Em relação à primeira experiência, observei as crianças mais silenciosas e concentradas individualmente em seus desenhos. Também pareciam mais à vontade para encontrar as melhores posturas corporais para o momento, inclusive deitando no chão da praça, debruçadas sobre seus papéis. Porém, essa entrega ao desenhar não aconteceu de imediato com todas as crianças do grupo, assim que chegamos ao local. Diferentemente da situação no lago, dessa vez as crianças pareciam procurar na paisagem o que desenhar. O que havia ali de interessante para ser olhado? Não havia árvores, não havia toda a curiosidade em torno da água, da fonte, dos animais. Estávamos em um calçadão, cercado por prédios construídos em períodos históricos diversos, diante de um edifício histórico.

A experiência que tivemos diante do lago exigiu uma mudança na relação com o tempo predominante na experiência com o espaço urbano: deixamos de circular apressados pela Praça da República para contemplar uma paisagem construída para esse fim. Fonte, tartarugas, peixes e pássaros em meio ao jardim ornamentado pareciam contribuir para a sensação de que ali havia muito para ser observado. Mas na experiência de desenho em frente ao Edifício, a ausência dos elementos naturais parecia deixar as crianças diante do vazio, expresso na fala de um menino: “vou desenhar o quê?”. Eu começo então a desenhar em uma folha, contando em voz alta o que estava vendo, como havia observado que as crianças fizeram no lago. Olhava para o encontro do topo dos prédios com o céu, bem em frente à Praça, do outro lado da rua. Mostrei que estava fazendo os formatos diferentes das silhuetas se sobrepondo. Instigadas, o grupo de crianças próximas a mim nesse momento observa meu desenho, e logo estávamos todos desenhando.

Nesse caso, podemos compreender o desenho como a ação que permite a existência do espaço. Ele deixa de ser uma narrativa sobre o espaço, ou provocador de uma experiência com o espaço, para constituir-se como a própria experiência. Assim, tal como pude observar durante as criações das fotografias, nesta investigação as crianças não estão nos “mostrando” a cidade com imagens, mas a criando no mesmo momento em que desenhavam.

O desenho pode se mostrar meio privilegiado para investigar uma realidade, por evocar os aguçamentos dos sentidos frente aos acontecimentos, num exercício simultâneo de estranhamento e proximidade com o que é observado. É essa compreensão da ação de desenhar presente também no grupo dos Urban Sketchers, cujo lema é “conhecer o mundo, um desenho de cada vez” (KUSCHINIR, 2012).

Os Urban Sketchers são pessoas que se reúnem para trocas de experiências e desenhos criados a partir da observação direta da paisagem, principalmente a urbana. Do mesmo modo que os situacionistas e Francesco Careri (2016) defendem a caminhada como experiência máxima de apropriação do espaço, esses desenhistas da paisagem defendem a ação de desenhar a cidade como forma privilegiada de se apropriar dela. Segundo uma participante, “desenhar uma cidade não é apenas capturá-la no papel. É realmente conhecê-la, senti-la, torná-la sua” (KUSCHINIR, 2012, p. 299). A experiência das crianças ao desenharem a partir da observação da cidade não possuía o rigor metodológico e procedimental da experiência desenhista dos Urban Sketcher, mas faço aqui uma aproximação entre ambas, sobretudo pelo modo como acionam uma presença sensível do corpo no espaço público. As possibilidades de apropriação do espaço passam por uma corporeidade desperta, por um estado de alerta dos sentidos para além da visão cotidiana já anestesiada. O desenho, ao exigir um tempo de lentidão ainda maior que o da fotografia, faz com que a permanência do sujeito que desenha em um mesmo lugar seja longa. Mesmo o mais breve rabisco exige um apoio mínimo do papel e do corpo, um retorno dos olhos à paisagem de tempos em tempos, ampliando a sensibilidade às pequenas mudanças e movimentos no espaço. A própria ação de sentar no chão dos calçadões do centro nos colocava numa posição tão diversa e incomum. Permanecer ou, como dito por Francesco Careri (2017), “caminhar e parar” desperta a presença do corpo inteiro para uma conversa com a paisagem. Era notável o despojamento com que as crianças se deitavam no chão da cidade buscando conforto na hora de desenhar. Não à toa, Ana Azevedo (2016) e Karina Kuschinir (2016) o defendem como ferramenta de pesquisa etnográfica, pela permissão que traz a uma exploração corporal e sensitiva do campo investigado.

Considerações Finais

Francesco Careri diz que “quem perde tempo, ganha espaço” (2017). A pesquisa em campo carrega em si aspectos semelhantes aos levantados pelo autor que, influenciado pelas experiências situacionistas, propõe experiências abertas ao imprevisto para a criação de “outros” espaços. O processo de investigação vivido ao longo de minha permanência em campo reafirmava a todo instante a necessidade da criação de ferramentas metodológicas a partir das relações imprevistas estabelecidas com as crianças, de modo que as alterações de percurso e ampliação dos questionamentos acompanhassem as descobertas e percepções engendradas na ação pesquisadora. De certo modo, “ganhar espaço” foi condição para que a pesquisa de fato acontecesse. Para isso, precisei perder tempo pela cidade junto das crianças.

Considerando essa reflexão, a maneira que escolhi para essa aproximação com as crianças foi compartilhar com elas situações de uso do espaço em que estivéssemos todos como “pesquisadores”, ou seja, diante do indefinido e desconhecido, nos deixando conduzir pela investigação no e do espaço. Era necessário que nos deslocássemos de nossos papéis dentro da lógica funcional-produtiva. Precisávamos jogar, brincar, nos encontrarmos com o espaço a partir de nossas capacidades criativas. Sair da escola para criar desenhos e fotografias na praça nos fazia “perder nosso tempo” na cidade, considerando esse um movimento de ruptura com o tempo próprio do cotidiano escolar destinado às crianças na lógica produtiva.

Antes da entrada em campo, buscava os recursos que provocassem a relação entre mim, as crianças, a cidade, outros adultos, planejando utilizar então o desenho, a fotografia e o caminhar “instrumentalmente”. Porém, durante o processo de pesquisa, observei que esses recursos eram muito mais do que instrumentos metodológicos para fazer com que elas participassem, ou disparadores intencionais de relações: eram engendrados na própria relação que fomos estabelecendo na e com a cidade, e entre nós. A partir do momento que passamos a caminhar juntos, fotografar e desenhar, mais do que capturar o ponto de vista daquelas meninas e meninos sobre a cidade, as observava criando e vivenciando uma relação com o espaço

urbano durante o próprio desenrolar da pesquisa.

Referências

BRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a Sociologia da Infância In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

AZEVEDO, Ana. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016.

BARBOSA, Maria Carmem S. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

_____. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago 2005

GOBBI, Marcia A. Imaginação, culturas e fontes documentais em desenhos de meninas e meninos da Educação Infantil brasileira. **Studi sulla formazione**, p. 151-16, 2014.

_____. Entre a casa, a rua e a escola: o que o menino viu? Itinerários de uma criança em São Paulo. **Revista Teias Estudos da infância - diálogos contemporâneos** v. 19, n. 52, jan./mar. 2018.

GODOLPHIN, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 7, n. 10, p.77-106, jan./jun. 2011.

_____. Identidade Agudá espelhada no tempo: fotografia como instrumento de pesquisa social – um relato de experiência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 2, p. 557- 565, maio-ago. 2014.

KOSSOY, Bóris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. **Sociologia e Antropologia**, v. 2, n. 4, p.295-314. 2012.

_____. A antropologia pelo desenho. Experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev.2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, vol. 17 n. 49, 2002.

MÜLLER, Fernanda. **Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NASCIMENTO, Nayana Brettas. **A Cidade (Re)criada pelo Imaginário e Cultura Lúdica das Crianças: um estudo em sociologia da infância**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Portugal, 2009.

NOVAES, S. C. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 455–475, 2008.

_____. As relações entre Antropologia e imagem: Entre a harmonia e a tensão. **Revista Antropológicas**, v. 20, p. 9–26, 2009.

_____. A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia. **Iluminuras**, Porto Alegre, v.13, n. 31, p.11-29, jul./dez. 2012.

SAMAIN, Etienne. As Imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In SAMAIN, Etienne (org) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2009.

URIARTE, Urpi Montoya. Olhar a Cidade. **Ponto Urbe**, v.13, 2013.

Recebido em 30 de novembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020